



TRAÇOS DE SONHO¹: UMA LEITURA DO LIVRO ILUSTRADO *O NASCIMENTO DE CELESTINE* DE GABRIELLE VINCENT Dream traces: a picture book reading *Celestine's birth* by *Gabrielle Vincent*

Gabriela Regina **SONCINI**
Instituto de Letras e Linguística
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Brasil
gaby.soncini@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4488-5210> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer uma leitura da obra *O nascimento de Celestine* (2014), da escritora e ilustradora belga Gabrielle Vincent. O livro ilustrado em questão traz imagens que contam a história, tendo a presença de poucas frases representativas de diálogos e da escrita do urso Ernest em seu diário, o que cria uma relação de ampliação entre texto e imagem, além de proporcionar ao leitor uma experiência estética que alarga as percepções através de aberturas e movimentos nos traços. As ilustrações presentes na obra são como esboços, como desenhos ainda por receberem os acabamentos finais, ou seja, divergem das representações realistas, ou mesmo dos desenhos prontos e coloridos tão comuns aos livros infantis, e ainda assim também estão para além do esboço, se apresentando como uma proposta estética. Postulações teóricas de estudiosos da literatura infantil e da ilustração como Peter Hunt (2010), Sophie Van der Linden (2011), Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), assim como outras, serão evocadas para a reflexão do relacionamento entre palavras e imagens trazidas no livro.

PALAVRAS-CHAVE: Livro ilustrado. Literatura infantil. Ilustração. Livro de imagens. Gabrielle Vincent.

ABSTRACT

This article aims at taking a read of the book *Celestine's birth* (2014), by Belgian writer and illustrator Gabrielle Vincent. The picture book in question brings images that tell the story, having the presence of few sentences representative of Ernest Bear's dialogues and writing in your diary, which creates a magnification relationship between text and image, in addition to providing the reader an aesthetic experience that broadens perceptions through openings and movements in the traces. The illustrations present in the book are similar to sketches, as drawings yet to receive the final finishes, that is, are different from realistic representations, or even the ready-made and colourful drawings so common in children's books, and yet they are also beyond the sketch, presenting itself as an aesthetic proposal. Theoretical postulations of children's literature and illustration scholars as Peter Hunt (2010), Sophie Van der Linden (2011), Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), and others, will be evoked for reflection of the relationship between words and images brought in the book.

KEYWORDS: Picture book. Children's literature. Illustration. Gabrielle Vincent.

¹Termo utilizado no texto "Alguns traços..." de Arnaud de La Croix, presente no livro *O nascimento de Celestine*, publicado pela editora 34 em 2014. Nele, o estudioso salienta sobre a nova forma que Gabrielle Vincent encontrou em seu próprio trabalho, para contar a história de como seus personagens Ernest e Celestine se conheceram.

INTRODUÇÃO

Ernest e Celestine, um urso e uma ratinha, são dois personagens presentes em uma série de livros criada pela escritora e ilustradora belga Gabrielle Vincent. Eles representam, respectivamente, a fase adulta e a infância, e apresentam, ao longo das histórias, uma relação de afeto e de aventuras envolvendo o pequeno mundo que os cerca, em situações típicas de um cotidiano entre pai e filha. Vincent escreveu e ilustrou muitos livros desses personagens, sendo o primeiro deles *Ernest e Celestine perderam Simão*, publicado pela primeira vez em 1981. A obra foi publicada no Brasil somente em 2009 pela editora Salamandra. Essa primeira obra com a presença de Ernest e Celestine, reflete o que podemos nomear de livro ilustrado, que de acordo com Sophie Van der Linden em *Para ler o livro ilustrado* de 2011, constitui uma forma específica de expressão, onde a imagem, tem mais presença e ocupa o espaço maior do livro em relação a palavra.

Linden (2011), em seus estudos, salienta que até o século XIX predominava o chamado livro com ilustrações, ou seja, os textos detinham a maior parte da obra, e as imagens serviam muitas vezes apenas como um ornamento e como um aporte do próprio texto. A ilustração normalmente apresentava de forma fiel e realista o que estava escrito. As origens propriamente exatas do livro ilustrado, onde as imagens têm igual ou maior importância que o texto, são indefinidas e imprecisas. Embora seja necessário ter cuidado em dizer que os livros com ilustrações usavam de imagens apenas de forma decorativa, pois sempre existiu uma relação entre imagem e texto e diversas exceções, além de projetos estéticos que eram pensados e que envolviam as obras.

Na obra *Ernest e Celestine perderam Simão*, como em muitas outras que contam as aventuras da ratinha e do urso, há um predomínio da imagem em relação ao texto, porém, o texto, mesmo com uma presença pequena, é importante, ambas linguagens se complementam dentro das obras. Anos após contar diversas aventuras desses dois personagens, Gabrielle Vincent criou o livro *O nascimento de Celestine* (2014), que conta o começo de tudo, de como a ratinha Celestine foi encontrada pelo urso Ernest e passou a ser cuidada por ele. Neste livro em questão, há também a presença de ambas as linguagens, o texto e as imagens, mas há algumas diferenças em relação às obras anteriores. Primeiramente nas cores: enquanto as outras obras eram coloridas em aquarela, essa é ilustrada apenas em dois tons de sépia. A predominância da imagem

aqui também se acentua, e o texto é ainda mais breve, mas ainda assim é importante, pois ele relata alguns pequenos detalhes que talvez a imagem possa não contar totalmente.

Não é impossível fazer a leitura do livro todo apenas pelas imagens, mas o texto está ali em presença, e se está mesmo que em presença menor, também tem algo a contar. Há também alguns momentos bem parecidos com as chamadas narrativas gráficas, que se caracterizam de ilustrações encadeadas por quadros e painéis inter-relacionados. Na obra não há quadros, mas algumas sequências da história remetem à leitura de uma história em quadrinhos sem os quadros.

Diante desse breve exposto, este artigo tem por objetivo analisar o livro *O nascimento de Celestine* como um livro ilustrado, que apresenta uma relação de ampliação entre textos e imagens, no qual podemos refletir sobre essa presença conjunta de linguagens, além do uso de determinado tipo de expressão artística através das imagens, que com traços semelhantes a esboços, apresenta uma determinada forma de experiência estética. Também, se faz como objetivo deste trabalho, apresentar ainda que sucintamente, essa obra da literatura infantil pouco estudada no meio acadêmico e até mesmo pouco conhecida no Brasil.

PALAVRAS E IMAGENS: O LIVRO ILUSTRADO NA LITERATURA INFANTIL

Sempre que pensamos em literatura infantil, pode ser que logo o pensamento nos conduza para a imagem dos livros ilustrados, mais especificamente livros bem coloridos. De acordo com teórico Peter Hunt em *Crítica, teoria e literatura infantil* de 2010, a literatura infantil trata-se de gênero que abarca muitos outros, nela estão presentes os contos, as fábulas, poemas, narrativas gráficas, e diversos outros tipos de escrita: “Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som” (HUNT, 2010, p. 43). E de fato, ao entrarmos em uma livraria na sessão de literatura infantil, veremos que há uma infinidade de formas e jeitos de contar histórias para as crianças.

Segundo Hunt (2010), os livros devem ser “genuinamente ampliadores da mente”, e, para o teórico, as ilustrações desempenham neles um papel importante, pois os livros ilustrados orquestram o movimento dos olhos, e nesse movimento, palavras e imagens atuarão em conjunto, dialogando e se complementando. No artigo “A ilustração no conto infantil: uma proposta para a educação literária imagética e paratextual na sala de aula” (2020), os autores refletem que “a ilustração no livro infantil deve ser

compreendida como uma narrativa visual, que dialoga e se constrói por meio do texto literário” (BETTA; PONTES, 2020, p. 134). Para os teóricos, quando a ilustração é bem elaborada, ela abre frestas no texto para além da palavra, os autores ainda evocam que: “a função principal da ilustração no livro infantil e juvenil, deve ser aquela de prestar serviço ao texto” (BETTA; PONTES, 2020, p. 138). Dessa forma, podemos salientar que na literatura infantil, há imagens das mais variadas formas, que dialogam com os textos ali presentes, proporcionando algo além da própria imagem e palavra, algo que vai se manifestar através dessa leitura em conjunto dos códigos visuais, e algumas vezes até de outros sentidos, como por exemplo, há livros infantis que trabalham com sons e experiências táteis, livros estes que estão sendo definidos como livro objeto ou livro brinquedo.

Peter Hunt elabora que devido à diversidade presente na literatura infantil, ela abarca uma grande forma de produção de entretenimento para a criança:

Ao contrário da suposição comum de que os textos para crianças são restritos (bem como restritivos), tem-se presumido que a literatura infantil abranja muitas formas orais, contos populares, contos de fadas e lendas (claro que com implicações internacionais), o texto ilustrado, o texto altamente ilustrado e o livro ilustrado (HUNT, 2010, p. 288).

Mas como surgiram os chamados livros ilustrados? De acordo com Sophie Van der Linden (2011), as origens definidas dos livros ilustrados são imprecisas. Foi com a xilogravura no final do século XVIII, que se realizaram os primeiros livros para as crianças. Esses primeiros livros tinham um predomínio do texto em relação à imagem, e muitos estudiosos os chamam de “livros com ilustrações”.

As relações entre palavras e imagens sempre foram discutidas, podemos tomar a palavra também como um código visual, uma sempre auxiliou a outra:

A relação entre palavras e imagens foi debatida durante séculos, pelo menos desde a época da Grécia e de Roma, mas especialmente na idade média e no renascimento. Quais eram os limites espaciais e temporais de cada um dos códigos? Complementavam-se ou subtraíam valores um do outro? Qual servia com mais eficácia à imaginação? Retoricamente, esse problema ficou conhecido por sua etiqueta latina, *‘it pictura poesis’*, ‘na pintura como na poesia’, que Horácio concebeu em seu *Ars Poetica* no século I a.c, mas essa equivalência aparente só acentuou as diferenças entre os dois meios (MANGUEL, 2009, p. 87).

Alberto Manguel, em seu livro *À mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*, de 2009, destaca a antiguidade dos desenhos vistos como representativos da escrita: “Para esses antigos, uma imagem sem palavras ou uma palavra que não portava uma imagem era algo empobrecido, se não inconcebível” (MANGUEL, 2009, p. 88), o teórico inclusive dá a experiência da imagem do raio como

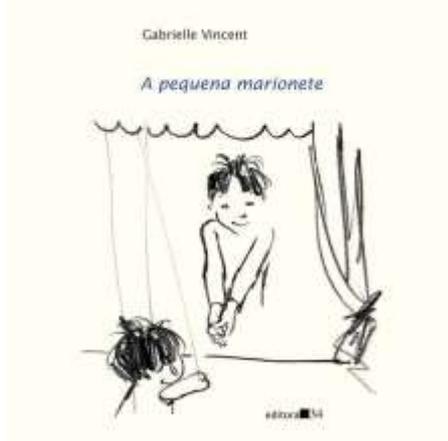
simbolizando Zeus, como um código que fala sobre uma determinada figura. Desde as pinturas rupestres, podemos visualizar como as imagens sempre contaram histórias e as representavam, tal como também podemos visualizar nos antigos hieróglifos egípcios, onde havia diversos códigos em conjunto representando a escrita. Palavras e imagens, portanto, de certa forma caminham juntas, possuem diferenças, mas são códigos visuais que podem ser lidos.

Os livros ilustrados presentes na literatura infantil, são um exemplo entre muitos, da forma de relação entre esses códigos visuais: “Na minha visão, a ilustração tem que dialogar com o texto no sentido de ampliar seu universo significativo. Em outras palavras, a reunião de textos e imagens tem que trazer ao leitor algo maior do que o texto e as imagens em si mesmo”. (AZEVEDO, 2012, p. 99). E é com essa postulação de Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador brasileiro, dada em entrevista registrada no livro *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantis*, que passamos agora para ampliar um pouco mais essa visão entre palavras e imagens, e como elas se movimentam no livro *O nascimento de Celestine* (2014). Tal pensamento de Azevedo permite a reflexão que ambas as linguagens juntas, também propiciam uma espécie de devir daquelas duas linguagens ali presentes, ou seja, há uma relação também criadora entre palavras e imagens.

UMA RATINHA AQUARELISTA E UM URSO MÚSICO

Gabrielle Vincent, pseudônimo da escritora Monique Martin, nasceu em Bruxelas na Bélgica em 1928, tendo realizado estudos de desenho e pintura na Academia Real de Belas-Artes, vindo a falecer no ano de 2000. Seu primeiro livro publicado no Brasil foi *A pequena marionete* (2007) pela Editora 34, tal obra recebeu o prêmio de melhor livro de imagem em 2007, concedido pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil). Outros títulos da autora e ilustradora também foram publicados pela Editora 34, como *Um dia, um cão* (2013) e *Um baile no deserto* (2014), ambos livros de imagens, como podem ser vistos nas figuras a seguir.

Figura 1: Capa do livro *A pequena Marionete* (2007)



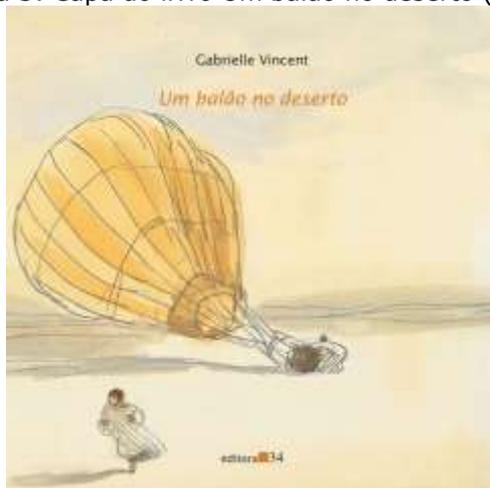
Fonte: site da editora 34.

Figura 2: Capa do livro *Um dia, um cão* (2013)



Fonte: site da editora 34.

Figura 3: Capa do livro *Um balão no deserto* (2014)



Fonte: site da editora 34.

O nascimento de Celestine, também publicado pela editora 34, foi considerado um livro um tanto fora dos padrões em relação aos outros livros com os personagens Ernest e Celestine: "cento e sessenta e seis páginas, em vez das trinta e duas habituais,

todas em tons de sépia” (CROIX, 2014, p. 173). A autora relata que precisava de muitas páginas para contar a história que seria o começo dos seus então célebres personagens, e também de uma nova forma de expressão.

Figura 4: Capa do livro *O nascimento de Celestine* (2014)



Fonte: site da editora 34.

Ernest e Celestine saíram das páginas dos livros alcançando outras mídias. Em 2012, pelas produtoras Les Armateurs e Melusine Productions, foi lançada a animação *Ernest e Celestine*, dirigida por Benjamin Renner, Vincent Patar e Stéphane Aubier. A animação é uma história paralela aos livros, contando sobre uma sociedade tradicional de ursos e uma sociedade de ratos, na qual a relação de amizade entre as duas espécies é mal-vista: o mundo dos ursos e dos ratos não se comunicam. Além da questão do preconceito entre ratos e ursos, a animação também toca na importância da arte e no descaso das pessoas em relação a ela, já que Ernest e Celestine são colocados à margem tanto pela sua amizade, como também por serem artistas. Celestine é uma ratinha criança que adora pintar e quer ser artista e não dentista, que é a profissão tradicional e reconhecida dos ratos, e Ernest é músico e não seguiu as carreiras de advogado e juiz, profissões muito admiradas pelos ursos. A animação concorreu ao Oscar em 2013.

Figura 5: Cartaz da animação Ernest e Celestine (2012)



Fonte: Blog "Cinema e arte".

Os personagens também se transformaram em uma série animada, tendo estreado em 1 de abril de 2017. A série é exibida no Brasil com o nome "A Ratinha e o Urso" pelo canal TV Brasil.

Figura 6: Cartaz da animação A Ratinha e o Urso (2017)



Fonte: site do canal TV Brasil.

Além das versões animadas, especialmente na França e na Bélgica em que os personagens são muito queridos, eles aparecem em inúmeros produtos para crianças, como ursos de pelúcia, brinquedos e outros artefatos, evidenciando o caráter multimídia que alguns livros ilustrados acabam adquirindo ao contarem muito sobre alguns personagens específicos. Outros exemplos desse movimento que podemos destacar são as histórias da escritora e ilustradora inglesa Beatrix Potter, assim como ursinho Pooh de A.A. Milne, e também podemos evocar o exemplo das histórias em quadrinhos que trabalham com arcos de personagens, salientando que a tradição franco-belga, possui muitas histórias com personagens icônicos, quadrinhos e demais histórias que

desenvolveram muitas narrativas com os mesmos personagens, como TinTin, Os Smurfs e Astérix e Obelix, tradição na qual Gabrielle Vincent estava inserida.

Figura 7: Pelúcia inspirada na Ratinha Celestine



Fonte: Instagram Ernest et Celestine Boutique.

Figura 8: Arigos para bebê inspirados nos personagens Ernest e Celestine



Fonte: Instagram Ernest et Celestine Boutique.

Diante dessa apresentação da escritora e seus personagens, vamos passar à análise mais específica da obra *O nascimento de Celestine*, onde os personagens se conhecem, dando início às suas aventuras. No livro é contado, através do diário do urso Ernest, como ele encontrou Celestine e passou a cuidar dela como pai. O urso era varredor de rua, quando escutou em um dia de trabalho, um leve barulho nas latas de lixo, e ali em uma delas encontrou a ratinha. Ernest decide cuidar de Celestine, como ele mesmo a nomeia, porém, como é trabalhador de rua e também músico, ele não

possui recursos suficientes, e ainda tem que lidar com os vizinhos que de primeiro momento enxergam com maus olhos um urso tão pobre cuidar de um bebê.

Figura 9: Momento que Ernest encontra Celestine



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 20).

Ernest passa então a escrever em seu diário sobre seus dias com Celestine, como se estivesse contando a história. O livro todo contém mais imagens que propriamente textos, estas bastante semelhantes com esboços que ainda esperam os acabamentos finais. Tal tipo de expressão artística caminharia com Gabrielle Vincent nos anos seguintes em suas outras obras.

Figura 10: Ernest registra o crescimento de Celestine em seu diário.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 38).

Aos poucos, os outros ursos começam a doar roupas de criança para que Ernest pudesse cuidar de Celestine. Um dia a ratinha acaba adoecendo e é levada ao hospital, permanecendo no local por dias. A desolação de Ernest é evidenciada em várias imagens tristes e melancólicas, em que os esboços ganham ainda mais o caráter de demonstração dos sentimentos dos personagens, do que características do próprio espaço em questão. Estranhando a quantidade de dias que Celestine permanece no hospital sem ter notícias; o que podemos até ler como outra evidência de descaso com o urso pela sua posição social; ele decide ir até lá buscá-la, e nesse momento da narrativa, Gabrielle Vincent usa de sequências de enquadramentos, muitos semelhantes às histórias em quadrinhos, mas sem os quadros separando-as, o que fica é só a essência da ideia tal como podemos ver nas imagens:

Figura 11: Ernest decide ir buscar Celestine no hospital



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 145).

Figura 12: Ernest no hospital



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 147).

E dessa forma, os dois voltam a conviver juntos em uma relação de muito cuidado e carinho, e todo o crescimento de Celestine e suas aventuras infantis podem ser vistas nos outros livros da série Ernest e Celestine.

Como já mencionado, nessa obra a ilustradora mudou sua forma habitual de ilustração, o trabalho com as imagens e a relação com o texto:

Mas havia algo mais importante: seu estilo, neste livro, se afastou da ilustração mais convencional, e se aproximou, pela liberdade e materialidade que o pincel confere, de sua obra pictórica. Eu a encorajei a continuar neste caminho em seus novos livros, e ela nunca mais quis outra coisa (CROIX, 2014, p. 174).

Ainda depois de *O nascimento de Celestine*, Vincent escreveu *As perguntas de Celestine*, ainda não publicado no Brasil, assim como muitos outros títulos não o foram. Segundo Nikolajeva e Scott: “ao escolher um tipo específico de cenário, o ilustrador não só inicia nossa leitura da história em um certo nível, mas também coloca a história em um certo contexto histórico social e literário” (2011, p. 102). Dessa forma, por esses traços sonhadores de um esboço não concluído, Vincent nos insere em imagens de movimentos, onde os sentimentos parecem se mover pelos traços dos personagens, onde tudo parece por terminar, dando aos leitores essa margem de abertura.

As ilustrações de Gabrielle Vincent nessa obra, propiciam uma experiência estética para além do próprio texto e da escrita, não é uma representação realista, como também não é uma representação colorida e até mesmo habitual que vemos nos livros infantis, embora, como já evocado, há muitos trabalhos que usam da imagem de diversas formas nos textos infantis. De acordo com Marília Forgearini Nunes e Flávia Brocchetto Ramos no artigo “Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura”, palavras e ilustrações devem proporcionar uma experiência estética, uma espécie de “brecha” entre as duas linguagens que vai acolher o leitor. Segundo as autoras: “Uma ilustração que apenas tenta representar a realidade pouco provocaria o leitor a investigá-la, a construir novos sentidos, pois tende a mostrar a verdade a ser observada” (2013, p. 261). Ainda enfatizam que “uma imagem tem que ter substância de modo que alargue as vivências do leitor” (NUNES; RAMOS, 2013, p. 262).

O urso Ernest vive em uma casa que sempre parece em desordem, mas essa desordem é de tal forma trabalhada, que se apresenta como possibilidades imaginativas para Celestine nos livros seguintes, ou melhor, nos livros anteriores, já que a história do começo foi publicada depois, bastante semelhante com a origem de muitos personagens que têm sido exploradas atualmente tanto no cinema como na literatura.

Uma desordem também sonhadora, sugerida, cheia de lacunas, são apenas traços das formas, nas quais o leitor pode preencher com cores, movimentos, definições. As próprias ilustrações sugerem movimento, como se abertas as páginas bem rapidamente, causassem aquele efeito de animação:

Figura 13: Traços sugerindo características da casa de Ernest e movimento do esboço



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 143)

As ilustrações podem expandir a história: “além das contribuições ao desenvolvimento dos personagens, os detalhes das ilustrações expandem a interpretação da história por meio de vários dispositivos, como ‘citações’ de outras histórias e referências a elas” (NIKOLAJEVA; SCOOT, 2011, p. 143). As autoras ainda salientam que, pelos detalhes das ilustrações, podemos apreender os gostos e características de um personagem. Podemos saber muito sobre Ernest e sua vida ao olharmos os traços de onde ele vive.

Linden (2011), estabelece um estudo da relação entre texto e imagem, além de algumas funções desse encontro:

No livro ilustrado, é possível definir uma regra a priori: cada obra propõe um início de leitura quer por meio do texto, quer da imagem, e tanto um como o outro pode sustentar majoritariamente a narrativa. Se o texto é lido antes da imagem e é o principal veiculador da história, ele é percebido como prioritário. A imagem, apreendida num segundo momento, pode confirmar ou modificar a mensagem oferecida pelo texto. (LINDEN, 2011, p. 123).

Em *O nascimento de Celestine* há poucas frases, e é até possível fazer a leitura da obra através apenas das imagens. Porém, o que torna essa obra um livro ilustrado e não propriamente um livro de imagens, é a presença dessas palavras, dessas frases

contando algo, da presença de um texto, há na obra de Vincent momentos em que as frases evidenciam um diálogo que as imagens não dizem tão completamente:

Figura 14: Ernest cuidando de Celestine



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 45).

Podemos então evidenciar na obra, essencialmente duas funções da relação entre texto e imagem elencadas por Linden (2011). Primeiramente a “função completiva”, na qual podemos ver na imagem acima: “O texto pode assim trazer um aporte determinante à significação do conjunto, retranscrevendo os diálogos ligados a uma cena figurada pela imagem” (p. 124). E também podemos perceber na obra a função de amplificação, segundo a qual “um pode dizer mais que o outro sem contradizê-lo ou repeti-lo. Estende o alcance de sua fala trazendo um discurso suplementar ou sugerindo uma interpretação” (LINDEN, 2011, p. 125). Pela primazia das imagens na obra, muitas vezes ela continua o texto e a imagem anterior sem nada a dizer como nas passagens abaixo:

Figura 15: Ernest decide mesmo triste arrumar a casa



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 137)

Figura 16: Ernest continua a arrumar a casa



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 138).

Podemos pensar que os livros ilustrados muitas vezes são feitos para um destinatário duplo: a criança e o adulto. Muitas vezes o adulto conta e mostra os livros ilustrados para as crianças, tal como estabelece Linden (2011). Muitas vezes também, as crianças os folheiam criando sozinhas ali suas percepções com base nas imagens ou palavras. Walter Benjamin deu uma poética descrição desse ato de leitura em “Visão do livro infantil”:

Ao final de seu panorama, a visão do livro infantil desemboca em um rochedo coberto de flores, bem ao estilo Biederneier. Apoiado em uma deusa azul-celeste, o poeta repousa ali com as mãos melodiosas. Ao seu lado, uma criança alada registra aquilo que a musa lhe inspira. Dispersos ao redor, uma harpa e um alaúde. No seio da montanha, anões tocam flauta e violino. No céu, porém, um sol se põe. Assim pintou Lyser certa vez a paisagem cujo fogo colorido refulgem o olhar e as faces das crianças debruçadas sobre os livros. (BENJAMIN, 2009, p. 80).

Lendo este fragmento de Benjamin, além do imaginário da criança com o livro ilustrado, podemos pensar também sobre a presença e a ligação das artes. A leitura propicia o visual e também o sonoro, a música, as cores, as imagens, tudo se liga, e muitos dos livros infantis desenvolvem essas ligações. Ernest e Celestine são artistas cujas artes se encontram nos demais livros da série; os traços em esboço de Gabrielle Vincent são caminhos para aberturas, preenchimentos, mas também uma narrativa que já se basta em seus traços:

Ilustrar um texto é criar uma viagem para o olhar e ir além dele. Abrir janelas dos sentimentos guardados entre as palavras e frases, nas entrelinhas das vírgulas, sem pressa de chegar a um destino. Pegar atalhos, provocar devaneios e iluminar os fios da memória. Desenhar pensamentos. (BOAVENTURA, 2013, p. 59).

E de uma forma lúdica, podemos visualizar os pensamentos e os sentimentos desenhados na obra de Vincent, a iluminação em duas cores, que propiciam o movimento, os detalhes sugeridos, a espécie do que está por vir, do que vai continuar se movimentando ainda ao virar da página.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ler e refletir muitos aspectos da ilustração, da relação entre textos e imagens, das linguagens artísticas e sua valorização e da amplificação do olhar com a obra de Gabrielle Vincent, que, de uma forma poética, com poucas palavras e esboços em traços sonhadores, que sugerem movimentos e passagens, constrói uma narrativa visual importante para os estudos da literatura infantil e das artes gráficas, e também desmitifica que livros para crianças precisam trabalhar apenas com cores. Resgata também de certa forma, antigas publicações cujos desenhos eram em preto e branco, em dois tons, além de propiciar um encontro do que parece que ficaria fora do livro: os esboços. Com seus traços ela traz o que poderia muito bem ser um projeto por acabar, e quem provavelmente vai alimentar esses espaços abertos é o próprio leitor.

Há de se terminar essa breve análise que não se esgota nessas páginas, que tal como a obra de Gabrielle Vincent, se tece por meio de aberturas. A autora e ilustradora, ao criar Ernest e Celestine, os desenvolveu com poucas palavras e muitos traços, possibilitando uma maneira de enxergar a relação simples e ampliadora de imagens e palavras: ambas dizem, complementam-se e se movimentam.

Os livros ilustrados permitem esse encontro visual, essa narrativa contada que liga as palavras e as imagens como desde os primórdios tempos. E mergulham ainda mais no universo da criança, que é feito de um extenso imaginário, onde palavras, símbolos e desenhos se misturam, desenvolvendo sua leitura de histórias. Um olhar leitor de diversas artes se encontrando, assim como Ernest encontra Celestine.

Figura 17: Final do livro Ernest e Celestine e começo para outros livros



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, ilustração presente no livro *O nascimento de Celestine* (2014, p. 165).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Visão do livro infantil. In: **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: editora 34, 2009.

BOAVENTURA, Maria José. Ilustrar ilustrar-se. In: **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Marisa Martins Gama-Khalil, Paulo Fonseca Andrade (org.). Uberlândia: Gpea: CAPES, 2013.

HANNING, Rona; MORAES, Odilon; PARAGUASSU, Maurício. **Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantis**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINDEN, Sophie van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MANGUEL, Alberto. **À mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas**. São Paulo: companhia das letras, 2009.

NIKOLJIVA, Maria; SCOOT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Marília Forgearini; RAMOS, Flávia Brocchetto. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em revista**, n. 48, p. 251-263, abr/jun, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a15.pdf> Acesso em 30/04/2021.

PONTES, Rodolfo Rodrigues; BETTA, Thiago Eugênio Loredó. A ilustração do conto infantil: uma proposta para a educação literária imagética e paratextual na sala de

aula. **Literartes**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 127-149, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2020.171951. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/171951>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VINCENT, Gabrielle. **Ernest e Celestine perderam Simão**. São Paulo: Moderna, 2009.

VINCENT, Gabrielle. **O nascimento de Celestine**. São Paulo: Editora 34, 2014.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

TRAÇOS DE SONHO: UMA LEITURA DO LIVRO ILUSTRADO O NASCIMENTO DE CELESTINE DE GABRIELLE VINCENT

Dream traces: a picture book reading *Celestine's birth* by Gabrielle Vincent

Gabriela Regina Soncini

Mestra em Letras
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Uberlândia, Brasil

gaby.soncini@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4488-5210>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua: João Catanduva, 881, apto 302, Santa Mônica – CEP: 38408-240 – Uberlândia – MG.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o encontro com os livros de Gabrielle Vincent, que propiciaram este estudo, pela criação desses personagens que me inspiraram desde que os conheci pela animação de 2012. Ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, que me propicia a oportunidade de estudar e pesquisar literatura. Em especial, as aulas de "Seminários em literatura e Outras Artes: Narrativas Gráficas", ministrada pela professora Cynthia Beatrice Costa. Este artigo é fruto de estudos realizados durante essa disciplina, escrever sobre Ernest e Celestine era uma antiga vontade, e a ocasião apareceu como trabalho final. Por fim, agradeço a leitura dos pareceristas e os editores da Revista Zero-a-Seis pelo aceite do trabalho para publicação.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: G. R. Soncini

Coleta de dados: G. R. Soncini

Análise de dados: G. R. Soncini

Discussão dos resultados: G. R. Soncini

Revisão e aprovação: G. R. Soncini

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 13-10-2021 – Aprovado em: 05-02-2022